

JUSTIÇA PÚBLICA

POLITICA.REFORMADA.ORG

RELATÓRIO Nº 3
JANEIRO 2014

A Teologia da Libertação

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE PESQUISAS EM POLÍTICA REFORMADA

Justiça Pública é o relatório periódico do Centro de Pesquisas em Política Reformada. Desde 2012, o Centro de Pesquisas tem se dedicado à divulgação e discussão dos valores políticos cristãos pautados na interpretação bíblica das confissões reformadas.

O Centro de Pesquisas existe para informar, discutir, educar e propor ideias de governo limitado, pluralismo político, federalismo, liberdade econômica e paz internacional. Fazemos parte de uma longa tradição cristã promovida por pensadores como Calvino, Althusius, Groen van Prinsterer e Kuyper.

Entendemos que a fé reformada deve falar aos nossos dias e ao nosso contexto. Por isso, nosso projeto vai além da reflexão teórica e passa também pela discussão da sua relevância na situação brasileira sem, contudo, descartar a relevância da confessionalidade e da igreja.

Expediente

Lucas Grassi Freire

Elienai Bispo Batista, VDM

Kenneth Edward Wieske, VDM

Jackson Salustiano

Vinícius Silva Pimentel

Márcio Santana Sobrinho

Endereço

Rua São João, 473.

50.020-150, Recife-PE

JUSTIÇA PÚBLICA

POLITICA.REFORMADA.ORG

RELATÓRIO Nº 3
JANEIRO 2014

A Teologia da Libertação

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE PESQUISAS EM POLÍTICA REFORMADA

A Teologia da Libertação

C. Van Dam

NOTA DO EDITOR: este texto foi escrito durante a Guerra Fria, em 1976, como uma palestra dirigida a uma congregação na América do Norte. Na época, havia pouca clareza sobre o rumo que os países não-alinhados aos EUA ou à URSS haveriam de tomar. Três casos do cenário político são mencionados pelo autor: a China, cuja política de restrição à liberdade religiosa estava em pleno vigor antes de uma relativa abertura posteriormente; Angola, que estava em guerra civil, com o apoio de Cuba e da URSS, com as forças conservadoras apoiadas pelo Ocidente e pela África do Sul; e a Guerra no Vietnã, que já havia terminado com uma vitória para a facção comunista. C. Van Dam acusa o movimento ecumênico (incluindo várias igrejas “reformadas”), influenciado por ideias marxistas, de ter sido instrumental no apoio ideológico e material aos movimentos de esquerda.

E stá acontecendo algo nos nossos dias que todos nós sentimos e percebemos, muitas vezes de forma vaga. Politicamente, por exemplo, o espírito dos tempos leva a ‘esquerda’ a ter o benefício da dúvida, muito mais que a ‘direita.’ Pensem, por exemplo, no fato de termos visto pouco protesto contra a intervenção soviética e cubana em Angola. Cada vez mais, ouvimos sobre o comunismo (e não somente o socialismo) mencionado como um sistema que tem respostas (se não ‘a resposta!’) para os problemas complexos que vemos pelo mundo.

UM NOVO CENÁRIO

Agora, logicamente, as ideias do comunismo não são novas. Basta mencionar a obra de Marx e Lenin e a Revolução Russa de 1917. Contudo, o que é novo hoje, e o que faz da teologia da libertação um fenômeno notável, é que as ideias marxistas têm infiltrado numa teologia que se diz cristã. Ou para colocar de outra forma: a teologia da libertação marca, num certo sentido, o casamento entre o pensar “cristão” e a ideologia marxista. Talvez essa forma de expressar seja um pouco simplista, mas ela nos ajuda a destacar uma ênfase central em boa parte do pensamento e da ação moderna na igreja contemporânea. E isso se aplica tanto ao protestantismo como ao catolicismo romano. Veja, por exemplo, o WCC (Concílio Mundial de Igrejas), para o caso protestante e, para o caso do catolicismo romano, o que tem ocorrido em boa parte da América Latina.

Já que a “igreja” está envolvida, o clamor de libertação, ouvido e promovido de formas diversas nos nossos dias (especialmente pela via política, embora ela não esgote as possibilidades), não é um clamor vazio, mas expressa uma influência e um poder que têm crescido, com várias implicações revolucionárias. Revolucionárias, pois buscam subverter o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. Revolucionárias, pois poderão levar à subversão de governos e autoridades estabelecidas.

Tentarei, aqui, tratar de forma resumida de alguns fatos ligados ao WCC, bem como a teologia da libertação expressa na América Latina. Finalmente, a questão de qual resposta devemos dar será analisada.

O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS Uppsala. O WCC tem influenciado e sido parte do desenvolvimento de uma teologia da libertação. Isso chegou ao ponto de a Assembleia de Uppsala (Suécia), em 1968, deparar-se com a seguinte questão: “Será que a salvação deve ser compreendida no sentido tradicional (como as igrejas sempre creram) ou como salvação num sentido econômico, político e social?” Esse concílio mundial decidiu pelo novo sentido de salvação. As decisões da assembleia revelaram que o evangelho de Jesus Cristo deveria se tornar um evangelho secular da construção dum mundo melhor. Des-

de aquela conferência em Uppsala, como diz um certo autor, “procura-se nas publicações da WCC, em vão, por uma busca que as pessoas conheçam a Jesus Cristo, sejam batizadas como Ele ordenou, e acrescentadas ao Senhor na Igreja de Cristo”.

Bangkok. A famosa reunião de Bangkok (Tailândia), em 1972/73, foi mais adiante, tomando o próximo passo lógico. Nesta reunião da Comissão de Missão e Evangelismo Mundial, a verdadeira obra missionária foi ou completamente ignorada ou até mesmo negada. Ao invés de confrontar as pessoas com a boa-nova de Jesus Cristo, como o próprio Salvador ordenou, para que haja arrependimento de pecados e que haja fé nele, levando à salvação, a preocupação desta

reunião foi pelo “diálogo com pessoas de todas as fés” e como a salvação deve ser obtida “pela confrontação política.” Além do mais, foi expressado o desejo de que o mundo ocidental pare de enviar missionários. De fato, se a salvação é interpretada de forma horizontal e mundana, então é de se esperar que a Comissão de Missão e Evangelismo Mundial produza e aprove toda sorte de declarações que muito dificilmente serão reconhecíveis como algo vindo de um encontro sobre missões e evangelismo. A Comissão, por exemplo, aprovou a seguinte declaração: “Salvação é a paz do povo no Vietnam, independência em Angola, justiça e reconciliação na Irlanda do Norte, e libertação da escravidão do poder na Comunidade do Atlântico-Norte”. Repare na ausência gritante de qualquer condenação da opressão e da exploração comunista. Aliás, o maoísmo é apresentado várias vezes como uma alternativa aceitável ao

“ O WCC decidiu por não compreender a salvação no sentido tradicional, mas num sentido econômico, político e social ”

cristianismo. Quando o assunto foi a China, a ênfase não foi em como o evangelho pode ser introduzido novamente na China, e sim em como a revolução cultural da China tem algo a nos ensinar hoje, em termos do nosso entendi-

mento do que é salvação. Um pôster no quadro de avisos do dia seguinte dizia: “Salvação = Deus, salve a China de se converter”!

A reunião de Bangkok mostrou claramente a força de influência esquerdista no WCC. Isso nos ajuda a compreender como é possível o WCC entender que a missão da igreja é sempre de protestar contra o intervencionismo militar ou a supressão quando o mundo ocidental [alegradamente] “se beneficia”, mas de tentar não questionar, se possível,

quando os comunistas têm algo a ganhar. Compare, por exemplo, o clamor pela paz no Vietnã e o silêncio quanto a Angola. Isso também nos ajuda a entender o apoio do WCC ao terrorismo, por exemplo, na África do Sul, e o envio de dinheiro para o Vietnã do Norte [a guerrilha comunista].

Nairóbi. Na Conferência de Nairóbi (Quênia), em 1975, a mesma tendência continuou. O Chile (uma ditadura de direita) foi castigado, mencionando-se os direitos humanos, mas nada foi dito a respeito da Rússia. Uma fraca declaração de meio-termo só falava que havia uma “alegada” perseguição contra a liberdade religiosa na União Soviética (URSS). Quanto a Angola, a Rússia não foi vista como uma força intervencionista, mas a África do Sul foi. Diante de tais pronunciamentos, não é de se estranhar que uma retórica antiocidental e anticapitalista esteja se tornando cada vez mais evidente. Na conferência, um professor americano admitiu estar envergonhado com o seu país. O presidente da Jamaica acusou o capitalismo de ser responsável por praticamente todo tipo imaginável de mal. O marxismo, por outro lado, foi bastante elogiado.

Hoje em dia, é “chique” ser contrário e criticar tudo que vem do Ocidente, pois o mundo ocidental é visto como o opressor, e os países marxistas são os libertadores. O Terceiro Mundo (aqueles países em desenvolvimento que não são nem ocidentais nem integrados ao bloco comunista) devem, portanto, ser ganhos para o marxismo, e o mundo ocidental deve ser um campo missionário para o marxismo. Isso também é parte da missão do WCC em sua obra de mostrar a verdadeira “salvação”, que liberta de ver-

dade, e que traz liberdade aos homens. Portanto, não é surpresa que, num dos documentos da conferência de Nairóbi, a China seja considerada o único país verdadeiramente cristão no mundo de hoje.

Nem é preciso acrescentar que tudo isso tem implicações diversas para a igreja fiel do Senhor, e também para o mundo ocidental.

Enquanto o WCC promovia de modo ativo uma salvação completamente horizontal, uma teologia da libertação estava sendo também desenvolvida e escrita na América Latina.

AMÉRICA LATINA

A América Latina é um ambiente ideal para o desenvolvimento duma teologia da libertação. Nenhuma religião rival é parte do contexto. Ao menos nominalmente, a América Latina é uma área cristã (Católico-Romana). Existe uma grande e óbvia desigualdade entre a pequena classe privilegiada que governa e as massas empobrecidas, em grande parte analfabetas, e que não têm terra ou casa própria. Tudo parece desesperado, pois há pouca mobilidade social. Es-

ses fatores, mais a presença bastante tangível da fome e da miséria, fazem o povo ter a mente aberta a certas ideias que oferecem esperança num futuro melhor.

“*É chique ser contra o que vem do Ocidente, pois este é visto como o opressor, e os países marxistas são os libertadores*”

Tempo de agir. Gustavo Gutierrez, um padre atuante no Peru, escreveu em 1971 um livro chamado *Teologia da Libertação*. Provavelmente, este é o livro mais influente do movimento da teologia da libertação na América Latina. Apesar de citar várias passagens dos documentos do Concílio Vaticano II, este padre católico-romano analisa a situação inteira com olhos marxistas. Seu livro deixa isso

bastante claro. Ele concorda com o que diz Jean-Paul Sartre: “O marxismo não pode ser superado como a abordagem formal de todo pensamento contemporâneo”. O capitalismo, por isso, é denunciado. A luta é uma luta de classes, e a revolução é inevitável. A igreja já pensou o suficiente. Agora, é hora de agir! Essa ação deve visar à liberdade, pois o conceito-chave do cristianismo é o de liberdade. Tal liberdade significa, no caso, liberdade da opressão econômica, social e política.

O livro de Gutierrez afirma claramente que a missão da igreja de espalhar o evangelho de Jesus Cristo não é mais necessária. A salvação é universal. Todo mundo será salvo, e todo mundo é um templo de Deus. A igreja, por isso, deve parar de enfatizar a difusão do evangelho nesse sentido, mas deve dar o exemplo, libertando as pessoas dos males do nosso mundo presente. A igreja deve abrir os olhos das pessoas para a opressão que sofrem, a fim de que elas possam buscar e obter sua própria libertação. Para isso, a igreja deve estar concretamente envolvida. “A Igreja deve politizar ao evangelizar”, escreve Gutierrez. Já que o evangelho é a mensagem do amor total, ele tem uma dimensão política inescusável. O Senhor Jesus, portanto, deve ser visto como um personagem político que foi morto por Pilatos como um líder pelote, pois Ele também buscou a libertação política do povo judeu. O Êxodo do Egito foi também um evento político, e o grito “Deixa ir o meu povo!” é o grito de libertação para todas as eras. É nesse sentido que Gutierrez e outros teólogos deste movimento raciocinam.

“O livro de Gutierrez afirma claramente que a missão da igreja de espalhar o evangelho não é mais necessária”

Velhos termos, novos significados.

Ao dar essa forte conotação política para a ideia de salvação, a teologia da libertação tem efetivamente mudado o significado de termos bíblicos. Conceitos como “pecado” passam significar algo ligado somente a este mundo. “Pecado” é tudo aquilo que resiste ou combate o processo de libertação, ou que ajuda a opressão a acontecer (especialmente a cultura ocidental capitalista, os governos constituídos, etc.).

“Salvação” agora quer dizer construir uma nova sociedade. Caso seja preciso, com revolução. Sim! Pois precisamos tomar as rédeas da história, para que a libertação seja autêntica e completa - ela deve ser promovida pelos próprios povos oprimidos. Os pobres são o povo eleito de Deus. São eles que o Senhor está buscando. A luta de classes, portanto, é fato inquestionável. É o ponto de partida da libertação.

Entretanto, conforme já mencionado, a igreja deve denunciar a opressão para que os oprimidos busquem sua libertação. Os pobres (este evangelho é especialmente para eles) devem tomar ciência e ser informados a respeito de estarem em conflito com as outras classes. Deve, por isso, existir uma “conversão”. Gutierrez escreve: “Converter-se é comprometer-se com o processo de libertação dos pobres e dos oprimidos, comprometer-se lucidamente, realisticamente e concretamente”. A consciência de classe deve ser despertada. Eles devem tomar conhecimento de sua situação. Por causa disso, muito esforço deve ir no sentido de “conscientizar” grupos de minoria, inclusive racial, na América. Também a interferência nos assuntos indígenas nos EUA e Canadá, por pastores e padres, tem a ver com isso. É

preciso uma libertação. A opressão deve ser mostrada e, segundo o marxismo, não pode haver uma coexistência pacífica entre oprimido e opressor.

Subversão e violência. Portanto, [diz a teologia da libertação], subverter é algo positivo. Não importa se a “conscientização” dos grupos diferentes (levando à sua conversão às ideias da libertação) resultar na desobediência ao governo constituído. Afinal, não foi isso que Moisés, o líder rebelde de Israel, fez no êxodo do Egito?

Ora, já que é justificável subverter a sociedade e o governo, a violência é necessária, pois é preciso libertar-se de todos os males deste mundo. Pouco importa se o governo no poder é constitucionalmente legítimo ou não.

Imagine o potencial que essa mensagem de libertação tem! Ela está sendo proclamada por um número crescente de padres às massas na América Latina. Eis aqui um evangelho prático e político. Ele deve converter os pobres e oprimidos. Em resposta, eles devem estar dispostos a tomar as armas.

Secularização. Fica claro que esse “evangelho” é totalmente humano e horizontal (mundano, sem qualquer dimensão vertical relacionada ao Deus do céu e da terra). Sua “salvação” (libertação) do “pecado” (capitalismo, desigualdade, miséria, etc.) deixa Deus de fora. Aliás, vestindo a máscara da teologia, ele introduz a secularização. Um mundo sem Deus é o seu resultado final. A teologia da libertação está ciente disso mas, num mundo sem Deus, o homem será verdadeiramente livre e tudo estará debaixo do seu controle. “Você os conhecerá pelos seus frutos”.

Essa teologia da libertação tem influenciado o mundo inteiro. Por todo lado, existe uma crescente percepção e insatisfação, e um desejo por algo melhor (mesmo que as pessoas nem saibam definir o “melhor”). Contudo, diz-se que é “bom” estar consciente de sua opressão, pois assim você pode ser “convertido” e enxergar a necessidade de sua libertação. Com a crescente influência dessa teologia, ouvimos também mais e mais gente falando de religião sem qualquer referência a Deus. Tudo deve ser visto à luz das necessidades imediatas do ser humano, aqui e agora.

Ao lermos a teologia da libertação num certo sentido como se fosse um casamento entre o marxismo e o “cristianismo”, então não é surpreendente que a destruição de qualquer ideia de um Deus verdadeiro seja aceita como fruto dessa teologia, mas também ativamente buscada por ela. Qualquer possibilidade de uma relação pessoal com o Deus vivo é negada. Nessa teologia, o homem se torna

seu próprio deus. Tudo o que importa são os relacionamentos horizontais cá na terra.

“Esse ‘evangelho’ da libertação é totalmente humano e horizontal. Seu resultado final é um mundo sem Deus”

UMA CRÍTICA

Qual deve ser nossa resposta a essa teologia da libertação apresentada nas seções anteriores? Pode-se simplesmente rejeitá-la e ignorá-la, mas é preciso tentar aprender algo, armando-nos contra o Inimigo nestes últimos dias. Uma crítica detalhada iria além do objetivo desta discussão básica sobre o assunto. Além disso, é preciso lembrar que a situação na América Latina e em boa parte do Terceiro Mundo onde o WCC está engajado, é uma situação muitas vezes complicada. A pobreza, a fome, a injustiça e as estrutu-

ras sociais perversas são fortes realidades. Não há soluções simplistas, certamente não do ponto de vista dum espectador distante e recente. Contudo, é nosso dever examinar e avaliar algumas das ideias da teologia da libertação, pois tal teologia não se limita aos lugares remotos do planeta. Ela forma parte do espírito do nosso tempo, e essa teologia, por isso, é também parte do nosso próprio contexto, de uma forma ou de outra. Examinemos, agora, alguns de seus temas centrais.

LIBERDADE

Sem o seu clamor pela liberdade, não haveria teologia da libertação. Liberdade é seu tema central. Todavia, a liberdade não é o tema central da Bíblia. Um texto muito citado é: “Deixa ir o meu povo...” Porém, o que é deixado de lado é que a expressão seguinte diz: “... para que me sirva” (Êxodo 8.1). Deus libertou Israel para que Israel pudesse servi-lo. O povo precisava de liberdade do Egito por conta desse objetivo.

Nosso êxodo. O Egito era um obstáculo ao serviço a Deus. Era só “um” obstáculo, mas o pecado é que é “o” obstáculo contra servir ao Senhor. Em última análise, Israel, portanto, precisava ser libertada do pecado, a fim de que o êxodo da opressão egípcia pudesse ter verdadeiro fruto de serviço ao Senhor. Isto é, são várias as conotações redentivas no evento do êxodo e, em última análise o êxodo acha sua plenitude em Jesus Cristo, nosso Cordeiro pascal, que possibilitou nossa libertação da servidão do pecado, para que pudéssemos servir a Deus. Israel foi treinado e amadurecido pelo Senhor no deserto. Nós, também, em nossa jornada

como igreja pelo deserto preparado por Deus, sujeitamo-nos ao Seu governo, procurando fazer Sua vontade e, assim, encontrar a verdadeira liberdade em Cristo, antecipando a entrada na terra prometida. É nele que somos libertados para servir em santidade, libertados da dominação dos nossos

“ *As ideias da teologia da libertação não provêm da Bíblia, e sim de uma análise dos problemas vistos com uma lente marxista* ”

pecados, contra os quais devemos pelejar. Essa é a perspectiva do Êxodo no Antigo e Novo Testamentos, mas também nossa liturgia de Batismo reflete assim. Eis aqui uma per-

spectiva muito mais rica do que aquela provida pela teologia da libertação, que usa o Êxodo e outras passagens da Bíblia conforme lhe convém, sem levar em conta o contexto e a mensagem da Escritura. Com efeito, as ideias da teologia da libertação não provêm da Bíblia, e sim de uma análise dos problemas contemporâneos vistos com uma lente marxista. A Palavra de Deus só parece ser utilizada para tentar justificar conclusões obtidas de fora da Bíblia. (Com a exceção duma pequena referência à Escritura no começo do livro, a Teologia da Libertação de Gutierrez não tem referências bíblicas, nem apresenta um estudo de passagens bíblicas até à segunda metade do livro. Aí, o autor já apresentou suas conclusões básicas, tendo lançado o fundamento do que vem adiante!)

Pecado e opressão secularizados. Na teologia da libertação, procuramos e não achamos uma ideia bíblica de pecado. Pressupõe ela que toda pessoa será salva. Esta vida presente, salva, deve ser transformada, pois a salvação já é aqui e agora. E, no final das contas, esse é o único tipo de salvação que um ateu pode compreender. Você não pode esperar que um ateu se interesse por uma salvação

fora deste mundo. Conforme já observado, a teologia da libertação leva a uma secularização e, ao mesmo tempo, a um universalismo da salvação. O produto final deve, portanto, ser uma salvação em termos do que o ser humano define como “pecado” e “cativeiro”, puramente em termos deste mundo.

Sem qualquer ideia bíblica de libertação do pecado, como a Escritura define, a liberdade aqui proclamada é uma liberdade da opressão do ponto de vista humano, opressão esta que é várias vezes mais imaginária que real. As pessoas devem, não obstante, se converter para enxergar sua opressão. Então, por exemplo, o Ano Internacional da Mulher é designado, dentre outras coisas, para abrir os olhos das mulheres, para que possam ver como são oprimidas, chamando-as a se liberarem do machismo, do preconceito e da imposição masculina. As mães são chamadas a se libertar do opressivo esforço de cuidar de seus filhos, deixando-os agora numa creche, enquanto usam sua recém-adquirida liberdade com atividades mais “dignas”. Por outro lado, as crianças devem ser também libertadas, por meios sutis

ou não, são chamadas a serem livres para “fazer o que desejarem”, mesmo contra a vontade dos pais. Além do mais, é preciso ser livre das estruturas econômicas e sociais que podem ser restritivas: sim, devemos até mesmo ser libertados das estruturas políticas, pois existe alguma coisa no Ocidente que não seja parte da opressão capitalista? Assim, o clamor pela liberdade se desenvolve das formas mais radicais. Só que a Bíblia diz que a culpa não está nos relacionamentos ou nas estruturas humanas em

si. A culpa está no pecado do homem, e na sua rebelião contra o Senhor Deus. A menos que se tome conhecimento da própria miséria e opressão em termos do pecado contra as demandas santas e justas de Deus, que governa nas alturas, não pode haver vera liberdade e consolo (*Catecismo de Heidelberg*, Domingo 1).

Existe outro elemento ligado ao clamor pela liberdade. Toda liberdade arraigada numa ou de outra forma no ser humano deve inevitavelmente levar à tirania de uma forma ou outra. Deve levar à supressão da liberdade. Isso nos leva ao ponto seguinte: autoridade.

AUTORIDADE

Uma bênção. Neste mundo de pecado, a autoridade é bênção de Deus, e liberdade sem autoridade, uma maldição. É nosso dever obedecer às autoridades constituídas sobre nós (Romanos 13). Isso quer dizer que defender a subversão, destruir a efetividade dos que governam, segundo pede a teologia da libertação, vai contra a vontade de Deus. Também a Bíblia deixa claro que não devemos esperar que toda adversidade e opressão em qualquer formato sejam eliminadas deste mundo

“ *A Bíblia deixa claro que não devemos esperar que toda adversidade e opressão sejam eliminadas deste mundo pecaminoso* ”

pecaminoso. Não vai. Nós temos é que aprender a viver com isso e até mesmo nos preparar para coisas piores que podem acontecer.

Servo de Deus ou do povo? Devemos de fato obedecer o governo, mas isso não significa deixar de protestar ou de ser crítico, denunciando sua fraqueza. Segundo a Bíblia, o governo deve ser responsável diante de Deus e deve ser um servo de Deus, que governa o mundo e em cujas mãos os governos são instrumentos de justiça (Romanos 13; *Confissão*

Belga, Art. 36). É importante reparar, entretanto, que, embora tenha havido uma época em que o governante tinha consciência de estar reinando em nome de Deus, de quem recebe a autoridade (repare na frase oficial “Rainha pela graça de Deus”), hoje não é assim.

A autoridade hoje é vista não como vindo de Deus, mas sim do povo. Quando um governante tem verdadeira consciência de que governa por Deus, então buscará executar a justiça

à vista daquele que vê todas as coisas e diante de quem ele prestará contas no dia final. Contudo, hoje essa não é a ideia por trás dos nossos governos e, portanto, nossas liberdades podem estar ameaçadas precisamente porque a forma democrática de governo atual é baseada na ideia de que o povo governa, através do governo representativo. Tal governo deve, portanto, decidir não conforme o que é certo diante de Deus, e sim conforme o que a maioria do povo considera correto.

Sim, o povo governa e ele é soberano. Essa base revolucionária da nossa própria forma de governo significa que o povo só aceita o governo como autoridade a ser honrada e obedecida em termos de “um mal necessário”. O povo é quem está de fato no “comando”. Groen van Prinsterer, que morreu há mais de cem anos, mostrou profeticamente que a soberania popular leva o corpo governante a tentar se preservar e, por isso, de uma forma ou de outra, tentará centralizar o poder em nome do bem comum. Caso contrário, governar é impossível. Ao reconhecermos a base da situação, torna-se possível perceber que não existe mesmo uma diferença fundamental entre a democracia, por um lado, e o marxismo por outro. Também não é surpresa que

“*Verdadeira justiça e liberdade só são possíveis quando um governo se define como servo de Deus*”

a teologia da libertação acabe optando pelo marxismo e que, numa democracia, a possibilidade de comunistas chegarem ao poder é bem real (pense [nos social-democratas] na Europa), pois o povo e o bem comum precisam ser

servidos, inclusive quando isso quer dizer uma perda temporária de algumas liberdades. Portanto, nós [...] jamais deveremos nos considerar imunes a essas possibilidades e perigos, pois o ingrediente básico já

existe no nosso país e é um ingrediente ativo. A diferença entre o Ocidente e os países comunistas é uma diferença simplesmente de grau. Jamais haverá uma distinção absoluta entre os dois como se o Ocidente pudesse ser igualado a um sistema cristão de governo ou coisa parecida. Ambos (democracia e comunismo), em seus fundamentos principais, servem ao homem e não ao Senhor, e com o homem não há norma constante de justiça ou liberdade. A verdadeira justiça e liberdade só são possíveis quando um governo se define como servo de Deus.

Tiranía e liberdade. Portanto, a teologia da libertação, ao buscar nesta terra a renovação, de modo secular, mediante o marxismo político ou seja lá o que for, está fadada ao fracasso. O evangelho bíblico deve ser pregado para que a obrigação dos homens para com Deus seja esclarecida e, então (só então!) outras pessoas poderão ser salvas. Somente nesse caso será remotamente concebível formar um governo que deseja servir o Senhor e, seguindo as normas que Ele estipulou, prover justiça e liberdade aos Seus súditos. Com a teologia secularizada da libertação, a liberdade não é possível (apesar de todo o seu discurso de

liberdade). A teologia da libertação, com suas premissas humanistas e marxistas, vai precisar dum governo forte, talvez até mesmo um tipo de ditadura, para ser implementada. A renovação do mundo e a extensão da salvação ple-

na a todos os homens, contra toda opressão...

isso requer um governo forte (e até mesmo opressivo!). Só assim para promover a maior parte possível da agenda para o bem comum no

menor espaço de tempo possível. Quando a “utopia” estiver acontecendo, então a plena liberdade pode ser devolvida ao povo, pois eles serão soberanos, livres e iguais, e então serão capazes de se cuidarem de forma amadurecida, vivendo com tudo em comum. Então, o vero comunismo terá sido instalado (pois, estritamente falando, o comunismo que se vê hoje é um mero prelúdio, um estágio do socialismo). Então, o céu estará aqui, na terra! Que dia será esse? Ninguém sabe, mas é preciso que viva a esperança! Sim! A teologia da libertação (e também o marxismo) é uma religião, e religião quer dizer esperança. Uma religião, mas que leva o homem a se distanciar ainda mais de Deus. Em sua plenitude, essa religião terá eliminado Deus.

Portanto, [a teologia da libertação] é uma esperança sem cabimento. Ela não pode ocorrer dessa forma. Não é o homem, e sim Deus, que trará o céu na terra. Mesmo que o homem negue, é Ele, o Senhor, que governa e que até mesmo usa os revolucionários deste mundo para preparar o Seu retorno, quando trará o Seu céu para esta terra.

Os fatos no nosso mundo são inquietastes para quem ama o Senhor Deus e deseja servir somente a Ele.

“A teologia da libertação, como o marxismo, é uma religião, mas uma religião que leva o homem a se distanciar ainda mais de Deus”

Porém, não podemos e nem devemos continuar na expectativa e com medo, pois estamos neste mundo e temos um ofício e uma missão dados por Deus. Ele nos libertou do reino das trevas e do Inimigo. Nós, portanto, devemos nos ar-

mar (e também os nossos filhos) para tribulações no presente e no futuro. Temos que estudar a situação, testando o espírito do tempo, e erguer nossa voz como um testemunho profético, enquanto ainda temos chance. Enquanto prosseguimos na nossa obra, devemos orar para que ainda enxerguemos e continuemos a enxergar a mão paternal de nosso Senhor e Rei que governa ainda hoje, e que nos traz libertação! ■

FONTE:

“The Theology of Liberation” (Clarion: The Canadian Reformed Magazine 25, n.13/14, 1976), traduzido com permissão por Lucas G. Freire.

PARA LER MAIS:

J. Francke, *De Jongste Theologie*
Groen van Prinsterer, *Incredulidad y Revolución*
Francis Nigel Lee, *Communist Eschatology*
Rene de Visser, *Williamson, “The Theology of Liberation”, Christianity Today*, 8 Agosto 1975.

C. Van Dam é professor emérito de Antigo Testamento no Canadian Reformed Theological Seminary e um dos mais importantes especialistas no papel do Urim e Tumim como meios de revelação na época do Antigo Testamento.



O relatório *Justiça Pública* é registrado via Creative Commons.
A reprodução e distribuição dos textos é livremente permitida,
desde que a fonte e o nome do autor do texto sejam citadas,
o nome do relatório claramente destacado
e nenhum valor seja cobrado pelo material.